

JP-003-001



Belo Horizonte  
Ano 8  
Número 24  
Junho/Julho — 1988

# JORNAL DO PSICÓLOGO



CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 4ª REGIÃO



NESTE NÚMERO

- Editorial: A "razão cínica" da atualidade. Pág.: 2
- Caso Bruna: uma análise às repercussões. Pág.: 3
- Ecologia: é preciso estabelecer prioridades. Pág.: 5
- Em Setembro, o 2º Encontro de Psicologia Educacional. Pág.: 6
- "No Fundo das Águas" e a visão da psicologia. Págs.: 7 e 8

COF  
CRP-04



26 anos  
de  
psicologia

"O Terapeuta"



Uma passada de olhos na cena nacional revela, inquietante, um certo "mal-estar" na cultura. Um cheiro inequívoco de coisa estragada resscende no ar: Brasil, que País é este?

Às vezes dá vontade de pedir para "parar o bonde e descer", discretamente, como se não tivéssemos nada com isso...

Nas cúpulas, a hipocrisia, a corrupção, a mentira e a banalidade passeiam pelos discursos oficiais, como habituais freqüentadores, num quadro de einismo nunca visto.

Instaura-se a partir das classes dirigentes uma cultura de delinquência onde, revogadas as disposições em contrário, só vale a Lei de Gerson: "a lei da vantagem". A impunidade é geral!

Neste cenário, defila o capitalismo sem direito de greve; modernização econômica sem reforma agrária; livre iniciativa com capital subsidiado pelo Estado... Pérolas da contradição, hoje despidoradamente nua, nos discursos das UDRs, FIESPs e Centrões.

Dentro deste quadro, toma conta de

## A razão cínica da atualidade

nós, povo brasileiro, um intenso sentimento de frustração, impotência e desânimo. Afinal, não era isso que ansiávamos após mais de 20 anos de ditadura. Entretanto, na proa, dão ordens os mesmos personagens que na vida civil davam sustentação ao antigo regime. Astuta matilha, de reconhecida competência política para manter-se no poder; faz despejar das suas bocas, todos os dias, diamantes do fisiologismo, como o caso da citação de São Francisco de Assis: "é dando que se recebe", como justificativa para o mais torpe clientelismo.

Preocupante consequência deste descabro é uma certa lógica cultural que, como fogo, alastra-se no tecido social, fazendo tudo igual; banalizando a capacidade de escolha; desmoralizando a ação (ironizada como heróica) e sustentando o "status quo" da

impotência.

Lógica cultural que se expressa no discurso do que hoje é conhecido como a "razão cínica" que, astuta, desmonta qualquer possibilidade de um dimensionamento ético da vida social. Como explica Jurandir Freire em seu recente ensaio "Narcisismo em tempos sombrios": "...é a existência na cultura de uma forma particular de medo e de reação ao pânico; é a cultura narcísica da violência. Cultura que nutre-se e é nutrida pela decadência social e pelo descrédito da justiça e da lei...

...Cultura da violência, na qual o futuro é negado ou representado como ameaça de aniquilamento ou destruição. De tal forma que a saída apresentada é a fruição imediata do presente, a submissão ao "status quo" e a oposição sistemática a todo

projeto de mudança que implique co-  
operação social e negociação não vio-  
lenta de interesses particulares"...  
27 de Agosto.

Dia dos Psicólogos no Brasil.

Que para nós, profissionais e cidadãos, a despeito da maré desfavorável, prevaleça o Senso Ético. E que este Senso Ético possa resistir ao canto da sereia, sedutor, da instauração hegemônica de uma "Ética Narcísica" e que, do amor e gozo na sua própria imagem, faz impedimento para o encontro do outro.

Assim, vamos estabelecer um esforço permanente para a viabilização de uma prática marcada pelo incentivo a um exercício autônomo da individualidade, na qual visemos o outro ou outros, como seres independentes, considerados como os agentes essenciais do desenvolvimento de suas próprias autonomias.

É o que desejamos para vocês e para todos nós.

5º Plenário do CRP-04



## NOTAS

### PSIND muda e amplia espaço

A mudança de comportamento a partir das indagações: "o que o sindicato fez e faz por mim" pela "como posso participar do Sindicato", é a primeira das decisões a serem trabalhadas pela Junta que presidirá o Sindicato dos Psicólogos de Minas, pelo período de 6 meses após Assembléia, realizada no dia 12 de julho, com a presença de mais de 50 profissionais da área. Esta proposta de maior participação da categoria será a plataforma do PSIND/MG a partir de agora, afirma Raquel Ferreira Corrêa, presidente. A Junta exercerá um papel de acionador de atividades que serão executadas por um grupo de trabalho, cobrindo todas as áreas como educação, saúde mental, etc.

Segundo Raquel Corrêa, a Junta já possui um calendário de atividades de reciclagem ao profissional, neste período de transição, e contará já em 1º de Outubro com um curso sobre "Metodologia do Trabalho Comunitário" ministrado por William César Castilho Pereira, psicólogo da PUC. Ainda em outubro, a exibição de um filme com análise e discussão — Cine Psicologia, uma programação conjunta com vários

sindicatos da área de saúde. E em dezembro, quando então se dará a posse da nova diretoria, está previsto uma exposição do psicanalista argentino Barremblitt.

Outras importantes participações do PSIND está na eleição dos sindicalistas de nível universitários, quando seremos representado pelo psicólogo José Estanislau; a publicação de um Boletim para divulgação do PSIND e ainda a participação junto ao CRP-04 dos 26 Anos da Psicologia.

Toda esta nova perspectiva para o PSIND/MG surgiu da importância da sua sobrevivência, com uma mudança política, de atuação e de uma organização através das bases. Com isto, da Assembléia do dia 12 de Julho, uma das principais decisões foi a escolha de três representantes do interior para compor a Junta, o que elevou de 16 para 19 o número de seus componentes. Tome nota, esta é a Junta, que presidirá o PSIND neste período de transição: Presidente — Raquel Ferreira Corrêa; Vice-Presidente — Maria Elizabete de Souza;

1º Secretário — Ronaldo de O. Zenha, que ocupou a vaga após o pedido de afastamento, do cargo, por motivos profissionais, da ex-presidente Elizabeth Dias de Sá; 2º Secretário — Haroldo Quintão Martins Carneiro; Tesoureiro — José Estanislau Vilela. Ainda, Jacqueline Ramos, Uberlândia; Odila Ma-

ria Braga de Uberaba; Albano S. Machado e Murilo Cássio Fahel de Montes Claros. Agda Maria Pereira; Anselmo Duarte; Carlos Alberto Sícoli, Italo Jorge Furletti; Gerusa Moraes Falcão; Lavínia Rosa Rodrigues; Patrícia Ayer Noronha; Regina Helena C. Mendes e Rita de Cássia S. Dias.

### SUDS

O Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde — SUDS é a mais antiga tentativa de reorganização do setor de saúde e que neste momento se encontra em fase de implantação. Os princípios básicos de sua criação propõem a institucionalização da saúde como direito do cidadão e dever do Estado. Estabelece ainda um novo conceito de saúde — definida agora como a expressão da qualidade de vida da população. Sendo um direito de cidadania, qualquer pessoa, tenha ou não vínculos com a previdência social terá acesso aos serviços de saúde.

Outro princípio é a unificação das estruturas dos diversos órgãos envolvidos, a padronização de normas técnicas, a isonomia salarial, ou seja, salário

igual para a mesma função e ainda a descentralização dos serviços administrados por instâncias interinstitucionais (CIS, CRIS, CLIS e CIMS) e colegiadas, baseadas na cooperação e na integração de todos os recursos. Um sistema novo, que possa colocar definitivamente como características do passado a competição, a dispersão de recursos e ações, e a compartimentação de responsabilidade entre as diversas instituições que atuam no setor saúde.

Neste instante, porém, é necessário que se divulgue sua operacionalização aos profissionais de saúde, funcionários, fazendo com que estes possam levar à comunidade, a importância deste Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde — SUDS.





# Caso Bruna e suas repercussões

*Uma tragédia que pode se transformar em outras*

Esta análise do caso Bruna é um apelo que faço às instituições, Sindicatos, Conselhos de Psicólogos, principalmente de Curitiba, Sociedades Psicanalíticas, Sociedade de Advogados e outros, para que lutem por uma melhor realização e desenlace destes casos e do caso Bruna (infelizmente já no país). Por outro lado, que todos os profissionais que lidam na área do humano, reflitam, façam mesas-redondas sobre estes problemas levantados em nosso país e que também se tornam comuns em todo o mundo, como a venda do ser humano, sejam melhor resolvidos. Que os casos futuros, como este de roubo e re-inversão familiar, que inevitavelmente vão ser levantados a partir de agora, sejam mais bem conduzidos; e que se amplie a compreensão da evolução da criança, sua estrutura em vários momentos, e aplicação disso a uma grande gama de situações judiciais.

**Raquel Corrêa Ferreira**

O caso da menina Bruna, raptada com 1 mês de idade no Brasil e vendida para uma família em Israel, chamou a atenção desde que uma emissora de TV de Londres, Inglaterra, propôs a ajudar os pais de sangue da criança a encontrá-la — e o conseguiu: no seio de uma família israelense, normal, querida, já com dois anos de idade.

A decisão do Juiz da Corte Suprema de Israel de que a criança voltasse ao Brasil com seus pais de sangue, colocou nos jornais e TVs, as falas dos pais e avós. Os pais adotivos choram, nada dizem.

E a criança? Ninguém fala nela, a não ser o juiz, a única voz de bom senso nisso tudo. Yaacov Turgerman disse que será "indescritível a tragédia por que passara Carolina (nome que Bruna recebeu da família israelense) cujas conseqüências são inimagináveis e se notarão com o tempo". Parece que os adultos estão voltados para si e sua tragédia e não entendem o que ocorre no mundo da criança.

Sim. Porque os adultos — pais de sangue vivem a história interrompida — desejo de um filho, gravidez, chegada, roubo (dias de nascida). E querem reatar o fio da meada ao encontrar a criança. Acham, no entanto, que isso é automático, que uma criança reconhece magicamente seus pais de origem. É um pensamento do imaginário que permeia todas as falas deles. Este é um pensamento amplamente partilhado e divulgado social e culturalmente, o que impede que inúmeras adoções ocorram ou que serão bem conduzidas.

Para a criança, por sua vez, seu mundo, é o que ela formou na célula narcísica com a pessoa que a cria — essa é a mãe. Seu fio da meada é outro. Ela começou sua vida de inserção no mundo com a mãe israelense. Essa pessoa é que significa referência e, dá sentido a todo o seu mundo. Se daí arrancada até certa idade, pode sofrer sérios danos em seu desenvolvimento psicológico, depressões sérias, psicotização, ser um suicida em potencial, etc, etc.

Os adultos desta história, pais de sangue, justiça, juiz, agem à revelia do que está vivendo na célula, onde foi inicialmente criada e da qual não pode ser arrancada impunemente. Todos vão so-

frer; pais de sangue — com a adaptação forçada; pais adotivos. E mais do que todos, a criança.

Mas as coisas não ficaram por aqui. O impacto destes fatos, assim como o modo sensacional como foram conduzidos, repercutiram (como nós profissionais prevíamos), seja nas mães que foram roubadas, seja nas que venderam seus filhos: vontade de reavê-los. De repente, a tragédia se amplia: o bebê vira plural-bebês: — São inúmeros os bebês raptados ou vendidos;

— Serão pois inúmeros os que vão sofrer com a possível retirada do ambiente e célula inicial materna onde estão;

— Algumas dessas crianças já foram vendidas após uma primeira convivência com os pais de sangue brasileiro, em várias idades, o que significa que já viveram um primeiro arrancar da célula inicial mãe-filho brasileira;

— Se retornadas agora será um segundo arrancar da nova célula mãe-filho estrangeira.

Levantam-se então, para nossa reflexão várias questões, para que qualquer dos casos que vêm surgindo em cena, seja bem conduzido: É necessário um estudo de cada caso observando as condições de doação — venda, consentimento e legalidade da doação; motivos psicológicos conscientes e inconscientes do querer os filhos de volta; condições do roubo, idade da criança na época do roubo, idade atual da criança; pais de adoção, situação psicológica.

Esse estudo deve ser conduzido por um psicólogo profissional ou psicanalista, que tenha uma visão dos estratos inconscientes do ser humano, para que não seja levado pelas aparências (o que está ocorrendo na TV atualmente com o caso Bruna). Quanto aos aspectos teóricos temos:

— A filiação não passa pelo sangue (como se lidou no caso Bruna), mas pela célula mãe-filho; e um fenômeno de cultura e não de natureza. Uma criança cria elos com a pessoa que a cria. Ela fica envolvida na célula chamada narcísica inicial com a mãe que a cria, seja ela quem for: suas ansiedades são acalmadas só com a presença da mãe, suas referências de todos os tipos são a mãe. Sua história, seus estereótipos básicos, já estão traçados pelos registros psíquicos básicos de vida. Soma-se a isto o problema lingüístico: a língua é a referência básica da criança dentro da cultura.

— Diferentes idades de retirada da mãe levam a vários problemas psicológicos (psicose, depressões intensas, paranóia) não totalmente previsíveis, porque temos que levar em consideração as características dos pais que a criaram até um determinado momento, ou que passam a criar em outro. Cruzamento dessas características é essencial.

— Os pais de sangue têm seus elos afetivos porque a geraram e a desejaram, porque têm uma história familiar, não por causa do sangue; e querem reatar esses elos agora, só que repentinamente. Mas, aí vem o problema: essa criança é uma desconheci-

da na realidade; pela educação que recebeu, ela é uma criança como outra qualquer, embora não o seja na vivência imaginária dos pais; no real, ela é tão estranha, como qualquer menor abandonado que fôsse colocado no lugar, (caso as pessoas não o soubessem). E no entanto, nossos menores aí estão abandonados... — Se as mudanças tiverem que ser feitas por motivos psicológicos (ou jurídicos?) a adaptação deveria ser muito bem feita. A adaptação de Bruna em 10 dias não é possível, nem compreensível à luz da psicanálise, que não lida com as aparências mas com os registros inconscientes.

A TV londrina com tanto dinheiro, deveria ter patrocinado uma transição de vários meses. E essa adaptação através da psicoterapia deve ser feita com os pais adotivos, os de sangue e a criança.

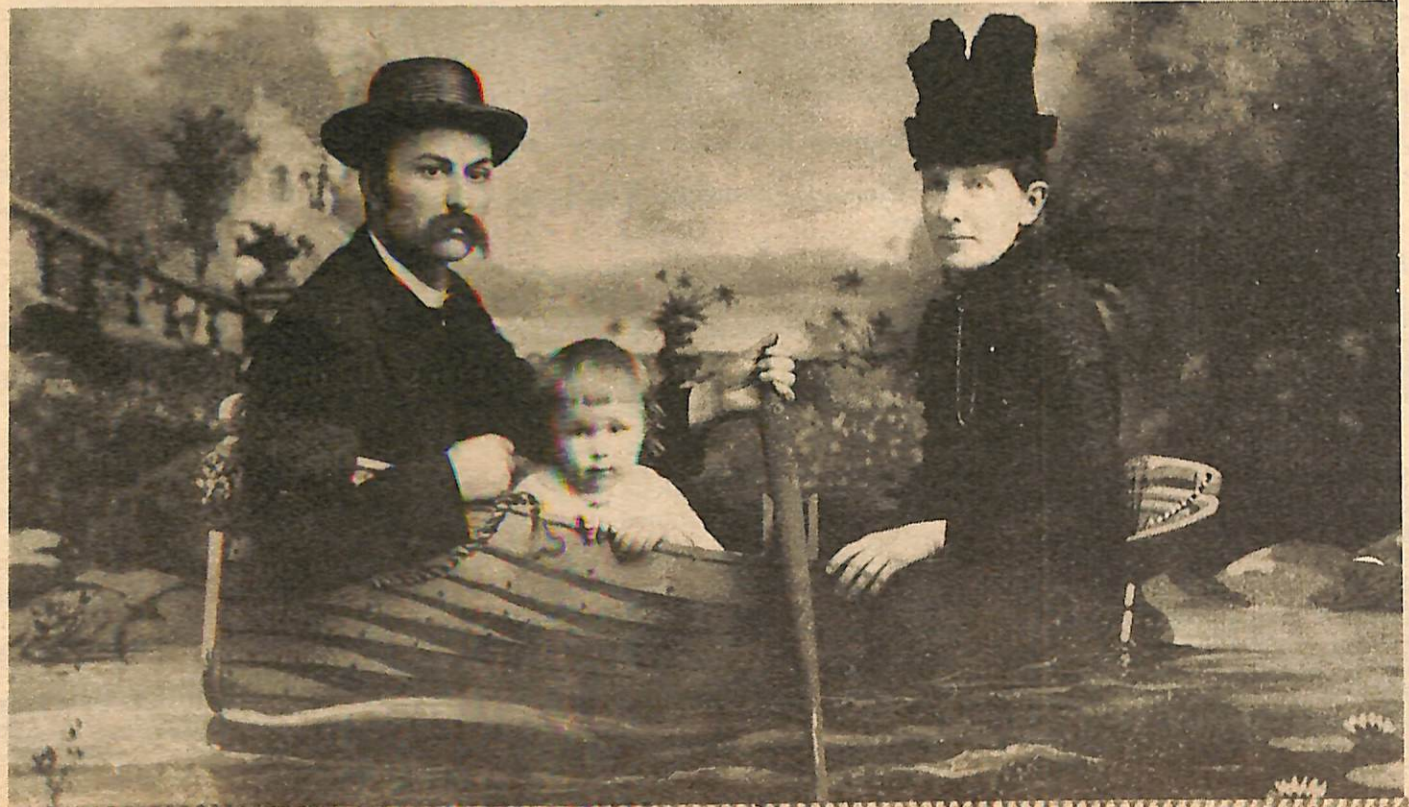
Como vemos o problema é de um trabalho psicológico e psicanalítico com a criança, mas também com os pais, para que eles possam ser mais compreensivos na situação e empáticos com a criança e se descentrarem de si, de seu drama.

Temos que aproveitar esta triste oportunidade para trazer à tona e levantar uma ampla discussão pública e científica sobre a questão: problema de adoções mal feitas, idade em que a criança é adotada, se é retirada dos pais; fenômenos de retiradas bruscas de filhos de pais supostamente (e possivelmente) violentos, mas em que se repete a violência; trocas de crianças em berçários e muito tardiamente corrigidos, venda de bebês, etc.

Tem-se argumentado, que estes casos são de polícia e por isso deve ser assim mesmo; sim é: roubo, compra, gangs internacionais vendem crianças o que merece um estudo e tratamento específico; mas não implica que não tomemos uma posição em defesa da criança e dos pais, para que elas não sejam dilaceradas agora. Uma criança não é uma caixa de jóias roubadas, que se volta com ela para casa como se quisesse.

Raquel Corrêa Ferreira — Psicóloga do Núcleo de Psicanálise e Psicoterapia de Belo Horizonte-MG.

Marcelo Kraiser





## Agenda

### “I Encontro de Saúde da CUT/MG”

Data: 20 e 21 de agosto de 1988  
Objetivo: Deliberar sobre a organização e atuação da CUT/MG no campo da saúde.  
Local: Colégio do Sindicato dos Bancários — Rua Salinas, 1447-B — Santa Tereza, Belo Horizonte.  
Inscrição: Uma OTN  
Informações: Rua Diamantina, 338 — Lagoinha, Belo Horizonte. Tel.: 442-9591 e 444-6411.

### “Sexualidade infantil”

Duração: Um ano  
Horário: às segundas-feiras, de 14:00 às 15:30 horas ou de 18:00 às 19:30 horas  
Início: 22 de agosto de 1988  
Informações: R. Martinho Campos, 180 — Cruzeiro, Belo Horizonte. Tel.: 221-4914.

### IV Encontro Nacional de Psicologia Social

Data: 20 a 23 de setembro  
Local: Vitória, ES  
Objetivo: Reunir alunos, professores e profissionais em torno do debate sobre questões teórico-metodológicas relacionadas à área de Psicologia Social.  
Atividades previstas:  
• Cursos — Psicologia Marxista, Movimentos Sociais e Ecologia e Comportamento Social.  
• Mesas-redondas: Psicologia Social e os Movimentos Sociais; A Psicologia Social no Nordeste; Questões Metodológicas da Pesquisa em Psicologia Social e Psicologia Social e Comunitária.  
• Conferências — História da Psicologia no Brasil e O Ensino da Psicologia Social no Brasil.  
• Comunicações e Painéis.  
Horário das atividades: de 08:00 às 11:00 e de 14:00 às 18:00 horas.  
Promoção: Abrapso e Departamento de Psicologia da UFES

### “I Encontro Sul-Americano de Recursos Humanos”

Tema: “Entre a crise e a evolução” — Dilemas dos Recursos Humanos na América do Sul  
Data: 05 a 08 de outubro  
Local: Hotel Serrano/Centro de Convenções — Gramado/RS  
Promoção: Enap — Eventos Promocionais Ltda.  
Inscrições: 20 OTNs  
Informações: Racional Consultoria e Planejamento de Pessoal Ltda. (Secretaria Geral). Rua Miguel Tostes, 524 — Porto Alegre, RS — 90420  
Tels.: (0512) 323-668, 328-404 e 329-293.  
Telex: 520033 RARH — BR.

### II Encontro dos Psicólogos de Saúde Pública

Data: 27 a 30 de outubro  
Local: Barbacena/MG  
A Comissão dos Psicólogos da Saúde do CRP-04 promove o Encontro com objetivos de interiorizar as ações do Conselho, realizando-o em Barbacena por ser um importante centro psiquiátrico do Estado e local onde muitos psicólogos atuam em hospitais e ambulatórios.

Serão discutidas na ocasião questões relativas ao exercício profissional do psicólogo no campo da saúde. A Comissão, assim, solicita que os profissionais preparem seus trabalhos para serem apresentados no Encontro, que posteriormente serão publicados em um caderno de texto. Outras informações podem ser feitas através de Marcus Vinicius de Oliveira Silva, presidente da Comissão dos Psicólogos da Saúde e Heloisa Amaral, supervisora técnica do CRP-04 — Rua Tomé de Souza, 860/10º andar — Tel.: 226-5817. Inscrições abertas a partir de setembro.

### III Congresso Mineiro de Psicologia

Tema: “Psicologia: Espaço e Ativação na Sociedade”  
Data: 02 a 05 de novembro de 1988  
Inscrições: Abertas para apresentação de trabalhos  
Informações: Comissão Organizadora do Congresso — Coordenação do curso de Psicologia no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (Profª. Ana Rita C. A. Negri) — Rua Halfeld, 1179 — Juiz de Fora, MG — Tel.: 211-8683.

### I Congresso de Psicologia

Data: 03 a 06 de novembro  
Local: Centro de Convenções Rebouças — Av. Rebouças, 600 — São Paulo, SP.  
Realização: Conselho Regional de Psicologia 6ª Região  
Atividades:  
\* Mesas-redondas/Temas:  
“A Especificidade de Ação do Psicólogo”  
“Psicodiagnóstico: Instrumento de Revelação?”  
“Ética das Técnicas”  
“Análise do vídeo Psicologia, Imagens, Ações”  
\* Debates sobre nove temas, abordando a atuação do psicólogo  
Informações e inscrições: H2R Marketing & Promoção — Rua Pinheiros, 650, São Paulo — SP. Tels.: (011) 881-0088, 280-0663 e 883-4988.

## Programa de Interiorização — CRP04

Região	Nº de Psicólogos Convidados	Nº de Psicólogos Presentes
Montes Claros	72	8
Governador Valadares	125	13

Reuniões convocadas pela COF nos meses de junho e julho

### “A questão social na produção da doença mental”

Promoção: Fórum Permanente do Movimento de Saúde Mental de Minas Gerais. Ministrado por: César Rodrigues Campos  
Data: 24 e 31 de agosto e 08, 15 e 21 de setembro  
Horário: 20:00 horas  
Local: Associação Médica de Minas Gerais  
Informações: CRP-04 — Rua Tomé de Souza, 860/1001 — Belo Horizonte, MG — Contato: Heloisa Amaral Fernandes. Tel.: 226-5817.

Apoio: Conselho Regional de Psicologia — 4ª Região (MG/ES)  
Taxa de inscrição:  
profissionais — sócios: 1,0 OTN; não sócios: 2,5 OTN  
estudantes — sócios: 0,5; não sócios: 2,5 OTN  
Informações: Abrapso — Regional Espírito Santo  
Caixa Postal 5052 (Leitão da Silva) Cep 29045, Vitória (ES).

### “I Congresso Regional de Recursos Humanos”

Data: 21 a 23 de setembro de 1988  
Local: Hotel Porto do Sol — Vitória, ES  
Tema: Os impactos da Constituinte e os reflexos na administração de recursos humanos.  
Informações: (027) 225-0922.

### “7º Congresso Brasileiro de Psicologia Analítica de Grupo”

Data: 22 a 25 de setembro  
Local: Caxambu  
Informações: Grupo de Psicoterapia Analítica de Juiz de Fora/Barbacena  
Rua Olímpio, 186 — Juiz de Fora, MG — CEP 36015. Tel.: (032) 221-8339.

### “V Encontro Nacional de Administradores e Psicólogos”

### IV Jornada de Psicologia Humanista

Data: 27 de agosto  
Atividades: Conferências, mesas-redondas e grupos de discussão  
Informações: Centro Mineiro de Psicologia da Pessoa — Tel.: (021) 226-2148.

### “I Jornada de Trabalho do Centro de Toxicomania”

Tema: “Por uma clínica do toxicômano” — A questão do tratamento  
Data: 16 e 17 de setembro  
Inscrições: A partir de 29 de agosto  
Informações: Centro Mineiro de Toxicomania — Alameda Ezequiel Dias, 365 — Belo Horizonte, MG — Tel.: (031) 212-5000, ramal 312.

## Livros

### “Uma memória do futuro”, de W.R. Bion — Paulo Cesar Sandler. Imago Editora. 168 páginas.

Este livro é um anúncio, uma lembrança, uma introdução original, que Paulo César Sandler procura, por pequena que seja, difundir. “Uma memória do futuro” é obra incompreendida por conter verdades que não encontra ouvidos ainda no mundo contemporâneo.

### “Guerra e Morte”, de Gley P. Costa. Imago Editorial. 220 páginas.

Esta contribuição da psicanálise associada à medicina e à antropologia ao conhecimento humano é acessível a qualquer pessoa interessada em saber um pouco mais sobre as complexas causas da irracionalidade das guerras ou que se preocupa com o destino da humanidade. Com a colaboração de conhecidos autores de diversas partes do mundo, a maioria deles psicanalistas especializados, Dr. Gley P. Costa nos mostra a realidade da guerra e da morte.

### “A Caminho do Nascimento — Uma Ponte entre o Biológico e o Psíquico”, de Joana Wilhelm. Imago Editora. 288 páginas.

O livro propõe que a psicanálise repense seus modelos antigos, que incorpore o vasto cabedal de novos conhecimentos e descobertas feitos em outras áreas da Ciência nas duas últimas décadas, sem contudo invalidar nenhuma das idéias estabelecidas, apenas acrescenta algo genético que não havia sido considerado antes. É um registro instigante e polêmico pela originalidade de sua nova abordagem em psicanálise.

### “Freud e a Sociedade”, de Yiannis Gabriel, 404 páginas. Tradução Vera Ribeiro.

Na primeira parte do livro, o autor fornece uma introdução crítica ao pensamento freudiano, através do exame de seis problemas não-solucionados que o dominam, enfatizando que esses problemas têm relação direta com a maioria dos debates contemporâneos sobre a cultura e a política.

A segunda parte examina a obra de eminentes comentaristas da obra de Freud — Reich, Fromm, Marcuse, Rieff, Becker, Parsons, Brown e Lasch —, os quais usaram o discernimento psicanalítico nas análises e críticas das culturas modernas.

O livro termina com uma análise dos tipos específicos de mal-estares e ilusões da sociedade de hoje, bem como de sua relação com a ação política e mudança social.



## Ecologia

# Fernando de Noronha

## A difícil preservação de um paraíso aquático

Gláucia Albernás Borges

A preservação da natureza nada mais é que uma questão de cultura e educação. É difícil para nós, Terceiro Mundo, termos esta consciência, pois a educação no país é precária e há anos está em declínio. Como em outras questões como o trânsito, a ecologia vai se tornando uma matéria básica curricular para que se forme esta consciência na geração futura, mesmo porque a destruição e a devastação já incomodam e vem causando consequências que afetam o homem. Mas é preciso ter pressa. Por todo o país, o descaso e o desconhecimento vem abrindo clarões sem retornos, o que compromete todo o equilíbrio de vida na terra. O Brasil, um país privilegiado por sua natureza se entrega em todos os níveis, indiscriminadamente, em todos os Estados, a destruição de seus rios, matas, fauna e flora.

E a preservação de Fernando de Noronha inclui neste cenário nacional. Se muito pouco se tem a preservar na área terrestre, pois de sua cobertura vegetal original só restam 5%, a recuperação já se torna urgente principalmente na praia do Sueste que sofre a interferência no solo e na vegetação, através de explosões diárias de dinamite para retiradas de pedras e, ainda, uma consciência maior da população para com o lixo (latas, garrafas, plásticos nas praias e ruas). Porém a riqueza que vem do mar é que deveria tornar Fernando de Noronha não só um Patrimônio Nacional como do Mundo.

“As suas praias de águas cristalinas abrigam, ao longo dos séculos, inúmeros seres dos perigos do oceano e que fizeram de toda a costa do Arquipélago e seu habitat de alimentação e produção. Constitui-se também num dos melhores lugares para mergulho no mundo, com excelente visibilidade, encantando a todos com a visão de cardumes multicoloridos, povos, lagostas, corais e esponjas. O Arquipélago é um dos poucos locais da costa brasileira onde a tartaruga marinha realiza sua desova, que ocorre principalmente na Praia do Leão, sendo estudada e protegida pelo Projeto Tamar do IBDF. Além disso, existe uma rara variedade de cetáceo, o golfinho rotador que se concentra às centenas na enseada do Carreiro de Pedras, para reprodução e cuidados com os filhotes, oferecendo um espetáculo único em todo o Atlântico.”

E a preservação deste ecossistema aquático onde fica? Atualmente verbas não faltam pois, o Território custa

O arquipélago de Fernando de Noronha formado por 20 ilhas e rochedos, com 26 Km<sup>2</sup> de extensão, está distante da costa do Rio Grande do Norte 345 km e 510 de Pernambuco. Sua ilha principal, onde estão a Vila dos Remédios, onde se encontra a sede do Governo e a do Trinta, possui 17 km<sup>2</sup> e abriga uma população de aproximadamente 1.500 habitantes, em sua maioria originários de Pernambuco e Rio Grande do Norte, o que explica a identidade cultural nordestina. O clima oceânico com ventos sudeste resulta numa média anual de 25°C, com duas estações distintas: a da estiagem, de agosto a janeiro e, a das chuvas, nos meses de fevereiro a julho. Não se sabe ao certo o ano de sua descoberta mas data de 1504 a doação da então Ilha de São João ao armador e arrendatário de pau-brasil Fernão de Loronha que se estendeu até o ano de 1700, quando então o Arquipélago passou a integrar a Capitania de Pernambuco. Daí em diante foi entregue ao Ministério da Guerra; da Justiça; tornou-se Território Federal em 1942 e de 57 a 1962 serviu de base aos norte-americanos para rastreamento de satélites. Porém, em 1981, passou à alçada do Ministério da Aeronáutica; 1986 ao Estado Maior das Forças Armadas e; em 1987, ao Ministério do Interior, quando foi empossado o primeiro Governador civil do Território, o jornalista Fernando César Mesquita.

Fernando de Noronha é, na verdade, o topo de uma cadeia de montanhas submersas, localizada no meio das rotas aéreas e marítimas entre América e África, cercada por abismos marinhos de até 4.000 metros. O Atol das Rocas, que pertence à mesma formação vulcânica, é um refúgio para muitas espécies ameaçadas.

Márcio Pinheiro



Pico, uma atração escalável com 321 metros de altura

### O comportamento humano visto pela psicologia

Apesar de uma população e um território pequenos, Noronha possui os mesmos problemas sociais e culturais do Continente, agravado pelo comportamento que caracteriza a população de uma ilha oceânica. São problemas de carência, de autoritarismo, de alcoolismo, síndrome de incapacidade e impotência, a falta de perspectiva de vida que somados distoam o belo da natureza e o feio da área social, afirma a psicóloga Suzana Krauser do CRP-06.

Há quase um ano na Ilha, Suzana Krauser, atualmente dirigindo a creche Casulo da LBA, com 24 crianças e atendendo ao hospital, iniciou suas atividades na Divisão de Educação Ambiental do Governo, na conscientização da população local com relação ao meio ambiente. Veio ao arquipélago pela natureza e ao ficar, procura trabalhar um jeito de poder ajudar o ser humano, detectando os pontos mais frágeis do comportamento da população. Um deles é quanto ao alcoolismo, porque bebem tanto. As causas e consequências deste vício que tem no arquipélago o maior índice de incidência do país. A síndrome da incapacidade, decorrida

talvez de um período bastante opressor e que gera uma apatia com relação a perspectiva de vida, que é nenhuma, ao mesmo tempo que captam as informações colocadas pela TV. O turismo e o turista, em especial, traz ao ilhéu a fantasiosa idéia de como ter dinheiro, vida tranquila, alegria contagiante, numa analogia de que a dança, a liberdade, afinal tudo é permitido. Vivem o que, na verdade, não é a realidade deles. Por outro lado, a potência sexual, incentivada pelo turista, traz a conotação de que a permissividade sexual é, em regra geral, permitida, baseando-se de que se faz muito sexo com o turista. Daí surge o machismo, muito acentuado, pois a mulher deve permanecer em casa, não vai ao forró, sendo que eles, homens, podem ir com o turista. Dentro destes aspectos é que surge a maioria dos problemas de relações pessoais, interpessoais, casais e entre filhos, principalmente as crianças que são largadas e maltratadas pelos pais. Existe com isso uma agressão em todos os níveis nesta relação pai/filho, além de uma neurose já característica de um comportamento peninsular.

a União Cz\$ 300 milhões por mês e que segundo o secretário-geral do Território ou o vice-governador, Mário Honório Teixeira Filho, são quase 5 milhões para cada habitante. No entanto, estão previstos para até 1990 investimentos na ordem de 6 milhões, sendo que deste montante, apenas Cz\$ 200 milhões serão aplicados ao meio ambiente.

A grande ameaça que passa pelo Arquipélago é que ele se torne uma Ilha da Fantasia, onde o pai Estado, compra, vende e abriga o que de mais decadente existe no continente, a burocracia, o empreguismo, sobrando muito pouco pelo o que é prioritário: o equilíbrio dos ecossistemas terrestres e aquáticos.

De Brasília, dos próprios constituintes, nos chegam declarações que nos assustam quando se referem a preservação da natureza. Muitas declarações demonstram o total desconhecimento da causa debatida. Levam em consideração apenas as questões político-partidárias, ideológicas, sem a menor preocupação com a realidade. O descaso de alguns e o ufanismo de outros não podem resolver as questões que não dão lucro imediato, ou retorno nas urnas. A defesa da preservação de Fernando de Noronha independente da anexação ou não do Estado de Pernambuco por motivos históricos, uma questão de justiça ou de gastos para a União sem retorno imediato, passa antes por estabelecer prioridades. O arquipélago enfrenta uma transição, onde tem que se recuperar o que foi devastado, proteger locais vitais para a existência da Ilha e ainda estabelecer uma infra-estrutura onde se dê condições de todo cidadão apreciar esta beleza única, com liberdade de ir e vir em todo o território e, do Continente ao Arquipélago.

Porém, a defesa da Ilha é mais que um dever da União e cabe a sua fiscalização e orientação à comunidade científica, para que ela possa opinar e fazer valer a saúde do meio ambiente, em benefício do ecossistema aquático e terrestre do Arquipélago.

Segundo relatório da UNESCO sobre arquipélagos de todo o mundo, o espaço restrito das ilhas e o isolamento em relação ao continente torna todas as questões ambientais muito mais delicadas. Sendo assim, é fundamental que sua população e aqueles que os visitam tenham consciência de que proteger os ecossistemas dos arquipélagos é garantir sua própria sobrevivência.



É de conhecimento geral o fato de a Escola não estar correspondendo ao seu objetivo. Erroneamente, a causa é atribuída apenas à deficiente formação do profissional que atua nesta área. Mas existem outros motivos com gravidade equivalente. Pode-se considerar que o núcleo destas distorções seja a distância entre o sistema de ensino vigente e a realidade atual dos estudantes.

De modo geral, as instituições de ensino conservam o modelo antigo de educação, não correspondendo à realidade atual quanto à formação, didática e até mesmo conteúdos. Atualmente, o nível de informação dos estudantes é superior, devido à carga de informações que recebem através dos veículos de comunicação, principalmente via televisão. Porém, esta característica tem sido desconsiderada pelo sistema educacional.

O desajuste se agrava nas escolas de periferia. Muitas vezes, o conteúdo não corresponde à realidade do aluno, pois parte-se do pressuposto de que ele detém conhecimentos considerados comuns, mas que na verdade são pertinentes à outro nível social. A conseqüência é a falta de adaptação, e a reprovação acima dos níveis considerados aceitáveis. Normalmente, quando não há adaptação do aluno e o número de reprovações é alto, a culpa é atribuída ao estudante, e não à instituição de ensino.

Uma outra situação, também considerada deficiente, é a integração do "aluno diferente" nas escolas regulares. É comum este aluno não receber a assistência e a orientação necessárias, fazen-

do com que o rendimento seja aquém do desejado.

Quando à atuação profissional, percebe-se isolamento em função da área de atuação. Profissionais de determinada especialização não dividem informações com os demais e vice-versa. Existe também, por parte de algumas instituições de ensino, a super-valorização de um profissional, em detrimento de outro, quando na verdade a situação ideal seria um trabalho multiproporcional. O resultado desse deficiente entrosamento é o prejuízo para os próprios alunos.

A proposta do 2º Encontro de Psicologia Educacional é que todas estas questões sejam discutidas, e que também seja um espaço para que os profissionais da área de educação — psicólogos, pedagogos, professores, autoridades do setor, entre outros, possam apresentar propostas objetivando a alteração e melhoria do sistema de Educação atual.

**OS OBJETIVOS**

O 2º Encontro de Psicologia Educacional será realizado nos dias 17 e 18 de setembro, no auditório do Colégio

Monte Calvário — Av. Contorno, 9384 — Belo Horizonte em Minas Gerais.

Este evento, promovido pela Comissão de Psicologia Educacional do CRP-04, além de apresentar trabalhos que estão sendo realizados nesta área, pretende, também, questionar tópicos que afetam diretamente a todos os profissionais que atuam no campo educacional: o sistema de ensino atual; a formação profissional dirigida à Educação, e ainda, a prática profissional inserida na Escola, além de ser feita uma avaliação crítica das condições e problemas relativos à Educação, objetivando o crescimento profissional no âmbito educacional.

O Encontro é aberto a todos os profissionais e estudantes e também aos interessados nesta área. As inscrições poderão ser feitas no CRP-04. Taxa de inscrição de 1,5 OTN.

**PROGRAMA**

17/09 — Sábado  
08:00 — Abertura — Participação dos Conselhos Federal e Regionais de Psicologia do país, enfocando a formação profissio-

nal, atuação do psicólogo e mercado de trabalho.  
10:00 — "A interdisciplinaridade do fazer pedagógico"  
Maria Clara Infante Pereira — Orientadora Educacional (RJ)  
Maria Tereza de Moura Leite — Professora (RJ)  
Regina Maria Annibal Cavour — Psicóloga (RJ)  
12:00 às 13:30 — Intervalo para almoço  
13:30 — "Alfabetização e Ideologia": Modelos e Recursos — Herval Gonçalves Flores — Psicopedagogo e psicolinguísta (SP)  
15:30 — Pedagogia Afetivo Cognitiva — Uma profilaxia  
Cláudio J. P. Saltini — Psicólogo e Educador (SP)  
Apresentação de filme de mesmo nome da palestra  
18:00 — Encerramento  
18/09 — Domingo  
08:00 — O trabalho da Psicologia Educacional na Escola Especial Elizabeth Dias de Sá — Psicóloga (MG)  
10:30 — A matemática na Pré-Escola  
12:00 — Almoço  
13:30 — A Psicologia vai à Escola  
Maria Cristina Fellet Guimarães — psicóloga e pedagoga (MG)  
14:30 — Grupos de debate  
16:00 — Plenária  
18:00 — Encerramento

**Assembléia Geral Ordinária dos Psicólogos**

O Presidente do Conselho Regional de Psicologia — 4ª Região (MG/ES), no uso de suas atribuições, convoca os psicólogos inscritos neste Conselho e em dia com suas obrigações, para a Assembléia Geral Ordinária a ser realizada no dia 1º de Setembro de 1988, às 19h30m, em primeira convocação, com qualquer número, na Casa do Economista, à Rua Paraíba, 777, para apreciar a seguinte pauta:

- 1 — Avaliação das realizações do 2º ano do 5º Plenário;
- 2 — Metas para 1989;
- 3 — Fixação da Anuidade para 1989;
- 4 — Discussão sobre elaboração de tabela mínima de honorários profissionais dos psicólogos;
- 5 — Referendo da decisão de cobrança do valor mínimo de 2 OTN's para laudos psicológicos;
- 6 — Referendo a respeito da revista "Psicologia — Ciência e Profissão";
- 7 — Discussão sobre eleições do CFP.

Belo Horizonte, 18 de agosto de 1988.  
(a.) Ricardo Figueiredo Moretzsohn  
Presidente.

**Contamos com sua opinião e participação**



"A paisagem desempenha, também, um papel social. O ambiente, identificado, conhecido de todos, fornece material para lembranças comuns e símbolos comuns, que unem o grupo e permitem a comunicação dentro dele. A paisagem funciona como um sistema vasto de memórias e símbolos para a retenção dos ideais e da história do grupo".

Lynch, Kewin — A imagem da cidade

## Oswaldo França Júnior:

### "No fundo das águas"

Andréa Rocha Faria

Autor de vários livros, entre eles, "Jorge um Brasileiro", o escritor Oswaldo França Júnior, impressionado com o impacto de uma inundação sobre uma população, conta, através de histórias de centenas de pessoas, um mundo vivo e rico de uma cidade que ficou "No fundo das águas" devido à implantação de uma usina hidrelétrica.

Para escrever "No fundo das águas", França Júnior pesquisou junto à técnicos o processo de implantação de usinas e no contato com a comunidade, estudou sua

adaptação diante do impacto da inundação e do deslocamento.

Em entrevista ao "Jornal do Psicólogo", o escritor fala sobre suas impressões sobre o tratamento e cuidados que as pessoas receberam durante este processo, e também questiona a necessidade de implantação de uma usina hidrelétrica, principalmente sem a participação dos mais diretamente envolvidos que são aqueles cujas vidas são modificadas.

**O que te levou a escrever o livro "No fundo das águas"?**

FJ — A princípio, eu ia fazer um livro sobre pescador. Então comecei a ir a umas pescarias na represa de Três Marias. Eu estava andando num barco com o barqueiro, para ele ir comigo num ponto de pescaria. Ele estava remando, e lá pelas tantas, ele olhou, pegando como ponto de referência uns morrinhos, umas árvores, e falou: "Olha, aqui ficava a vila onde eu morava. Alí morava D. Maria que gostava de cozinhar costela de porco, alí morava fulano que gostava de caçar codorna, aí caiu e quebrou a costela e passou a andar torto de um lado... "Falou numas duas ou três pessoas. Eu notei que ele falou aquilo como se a vila ainda existisse. Com um sentimento de perda muito grande. Eu ainda disse a ele que apesar de ter perdido a Vila, em compensação ele ganhou uma casa nova. Ele respondeu que ganhou casa, mas que não era a mesma Vila, não era a mesma terra. A partir daí, resolvi fazer um livro abordando este problema da área inundada. Sem drama, mas que envolvesse o leitor a tal ponto que o levasse a uma reflexão sobre a necessidade de uma inundação.

**Como você percebeu a reação da população diante do impacto?**

FJ — O grau de desajuste é muito grande. Quanto menor o grau de interesses gerais da pessoa, mais ela perde a identidade quando sai do lugar. Os

mais jovens não sentem tanto. Mas quanto mais distante da juventude, mais impacto psicológico ele sofre. A pessoa que tem interesse muito regional, muito localizado, pessoas que conhecem menor número de lugares, e que têm grau de escolaridade mais baixo são as que mais sofrem. Estas perdem a identidade de modo muito profundo. Elas ficam sem âncora, sem ponto de referência. A cidade é muito rica, muito cheia de dramas. Não são apenas casas que estão ali, são pessoas. Então é preciso muito cuidado quando vai mexer, deslocar, destruir um local assim.

**Com os estudos que você fez, o que se pôde perceber com relação aos cuidados com a população?**

FJ — Comecei a conversar com as pessoas que tinham sido deslocadas, com engenheiros, comecei a ler sobre o assunto, e fiquei impressionado com a falta de respeito para com as pessoas mais diretamente envolvidas. É um reflexo da nossa democracia. As pessoas não são consultadas, não participam das decisões, não tomam conhecimento do tipo de região para onde serão deslocadas, o tipo de residência... As coisas são colocadas diante deles como fato consumado.

**Você não acha que nem para a construção de uma usina hidrelétrica isto é justificável?**

FJ — O progresso é necessário, mas

sua finalidade é melhorar as condições de vida das pessoas. Progresso pelo progresso não. Tanto é que não existe mais obras deste tipo em países desenvolvidos. Existem várias represas no Brasil que poderiam ser substituídas por pequenas barragens, sem os impactos social e ecológico. Mas as grandes empresas construtoras de barragem têm um lobby impressionante. Com relação às usinas hidrelétricas, o Brasil é terra de ninguém.

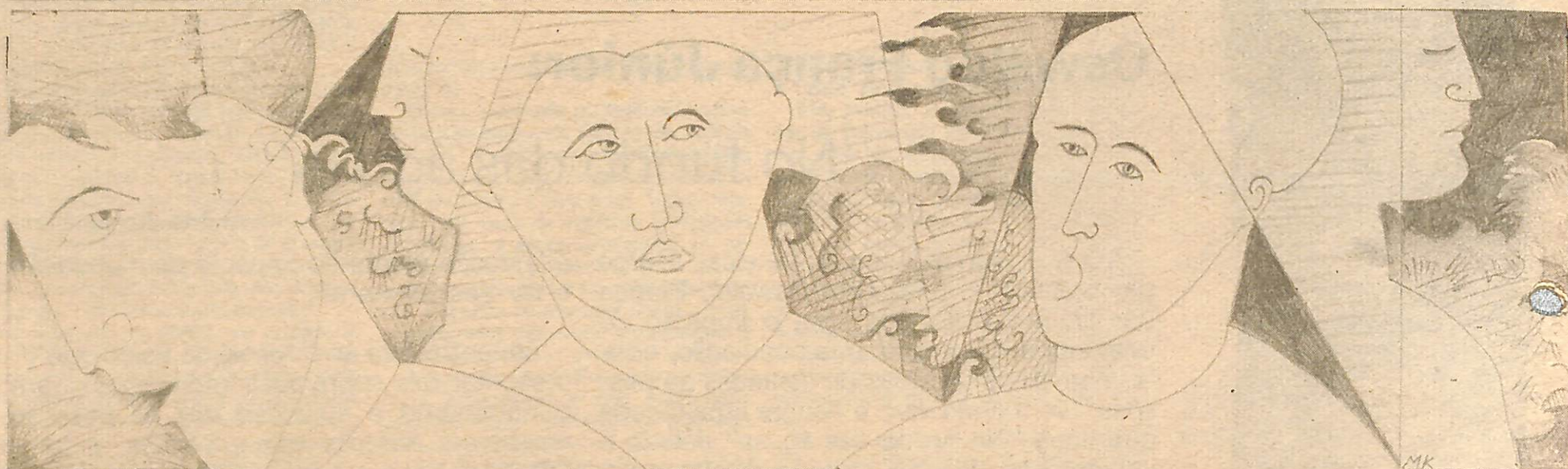
**Mas se a inundação de uma cidade é inevitável, o que poderia ser feito para que o impacto sobre esta população fosse amenizado?**

FJ — Se a inundação de uma cidade é irreversível, se vai gerar um bem maior, tudo bem. Mas isso deve ser feito com o sentido democrático e humanitário. As pessoas que vão ser deslocadas é que tem que participar de todas as decisões, de todas as discussões. Elas é que vão determinar o que é mais importante, quais as regiões possíveis e prováveis, para onde pretendem ir, como será o deslocamento, tudo isso. Quando a comunidade toma conhecimento desde o início, de todos os estudos, a finalidade da barragem, e participam, cria-se na comunidade outros pontos de referência e outras motivações de mudança. Há o impacto, mas você pode transformar aquela perda, numa esperança de mudança para melhor. Pode transformar este sofrimento numa mudança desejada.



Foto: Clavinea Felício

O romancista  
Oswaldo França Júnior



Marcelo Kraiser

## A psicologia numa situação de impacto

Existem algumas situações que provocam uma série de alterações no indivíduo e na comunidade. A inundação de uma cidade é uma delas. Não é fato muito comum, mas acontece. Por isso, não deve ser desconsiderado.

Quando uma cidade é inundada, normalmente em função de alterações climáticas, é inevitável o deslocamento da comunidade sem uma programação e um estudo com relação à sua adaptação. Mas quando é uma decorrência da implantação de uma usina hidrelétrica, a transferência da população deve ser mais planejada, pois esta alteração não acontece sem que haja interferência na vida e nas relações das pessoas envolvidas.

Nesta situação, que pode ser considerada de impacto, o papel do profissional de Psicologia é de grande importância para a comunidade, pois a demanda e as expectativas das pessoas podem ser trabalhadas, revertendo o quadro de insatisfação em uma perspectiva de melhoria de vida.

Sob a ótica da Psicologia Comunitária, a relação entre o comportamento da pessoa e o ambiente em que vive sempre deve ser considerado. Por isso, numa situação em que a população é transferida em função da implantação de uma usina hidrelétrica, deve haver

o cuidado com as pessoas envolvidas, sempre considerando o contexto e o ambiente em que vivem.

Quando a mudança do ambiente faz parte de uma opção, o deslocamento causa menos impacto. Houve uma decisão. Por isso, a possibilidade de lidar com esta alteração é completamente diferente de alguém que tem que mudar por decisão de terceiros. Quando não existe alternativa, a sensação que o indivíduo tem é de estar sendo lesado. Isto porque vai para um lugar desconhecido, que não tem história, não ajudou a construir, e nem mesmo participou do processo.

De modo geral, a transferência de uma comunidade pode causar uma série de mudanças e perturbações na convivência das pessoas, ou seja, nas relações que estabelecem entre si. Na melhor das hipóteses, se o indivíduo não perde referência e a identidade, ele é muito afetado em função da perda de toda a relação e referencial com o ambiente.

Para as pessoas do meio rural, onde é mais frequente o deslocamento por esse motivo, a relação com a terra e com o ambiente é mais intensa, o que as tornam mais susceptíveis ao impacto. Para minorar o choque, é que a

atuação do psicólogo, especialmente do profissional da Psicologia Comunitária, se faz necessária. Entretanto, o psicólogo social Marcos Vieira faz uma advertência: deve-se analisar, em princípio, o objetivo pelo qual o trabalho do psicólogo é requisitado.

No caso hipotético de um órgão do governo propôr a transferência da população para dar andamento ao projeto, e o mesmo requisitar o trabalho do profissional de Psicologia, esta demanda deve ser analisada. Se o objetivo é amenizar contradições, conflitos e reações, cabe ao psicólogo avaliar se o seu trabalho tem alguma validade social.

O ideal seria que uma equipe formada por psicólogo e profissionais da área humana desenvolvesse um trabalho junto à população submetida ao processo de mudança. A perspectiva — desse trabalho começa com a discussão da situação com a comunidade, no sentido de detectar suas sensações e reações.

Mas o que geralmente acontece numa situação como esta é que a população não tem acesso às informações. Já que não tem poder de decisão Marcos Vieira recomenda que a melhor alternativa é que a população dis-

cuta e avalie como este processo pode ser menos prejudicial, e qual a forma de participação que ainda pode ter neste contexto.

A partir daí o trabalho é feito de forma específica, tendo em vista a história da cidade, o tipo de representação que as pessoas fazem de determinados fatos, e as necessidades que terão na nova cidade. Para isso, ressalta a importância da discussão sobre os serviços de saúde, educação e todos os outros que afetam a coletividade. Neste caso, ele opina que o melhor seria um trabalho em equipe de profissionais de saúde, educação e da área humana.

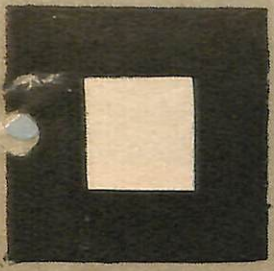
Embora este tipo de trabalho não seja muito comum, tendo em vista a própria natureza das decisões tomadas no país, Marcos Vieira assegura que este é um espaço que desponta para o psicólogo, sobretudo para os profissionais que atuam na Psicologia Comunitária. Este campo está se desenvolvendo e, os profissionais estão sendo lembrados para executá-lo. Porém, Vieira reforça sua advertência, mostrando que esta área é muito recente, portanto dependerá dos propósitos de quem os contrata e quais são suas finalidades.

IMPRESSO

CRP-04 / 6842  
MARIA DO CARMO MARTINS FONSECA  
R JULIO PEREIRA DA SILVA, 298/102  
CIDADE NOVA  
31170 BELO HORIZONTE MG

PORTE PAGO  
DR/MG  
ISR-73-166/84





Suplemento  
do Jornal  
do Psicólogo  
CRP-04 MG/ES

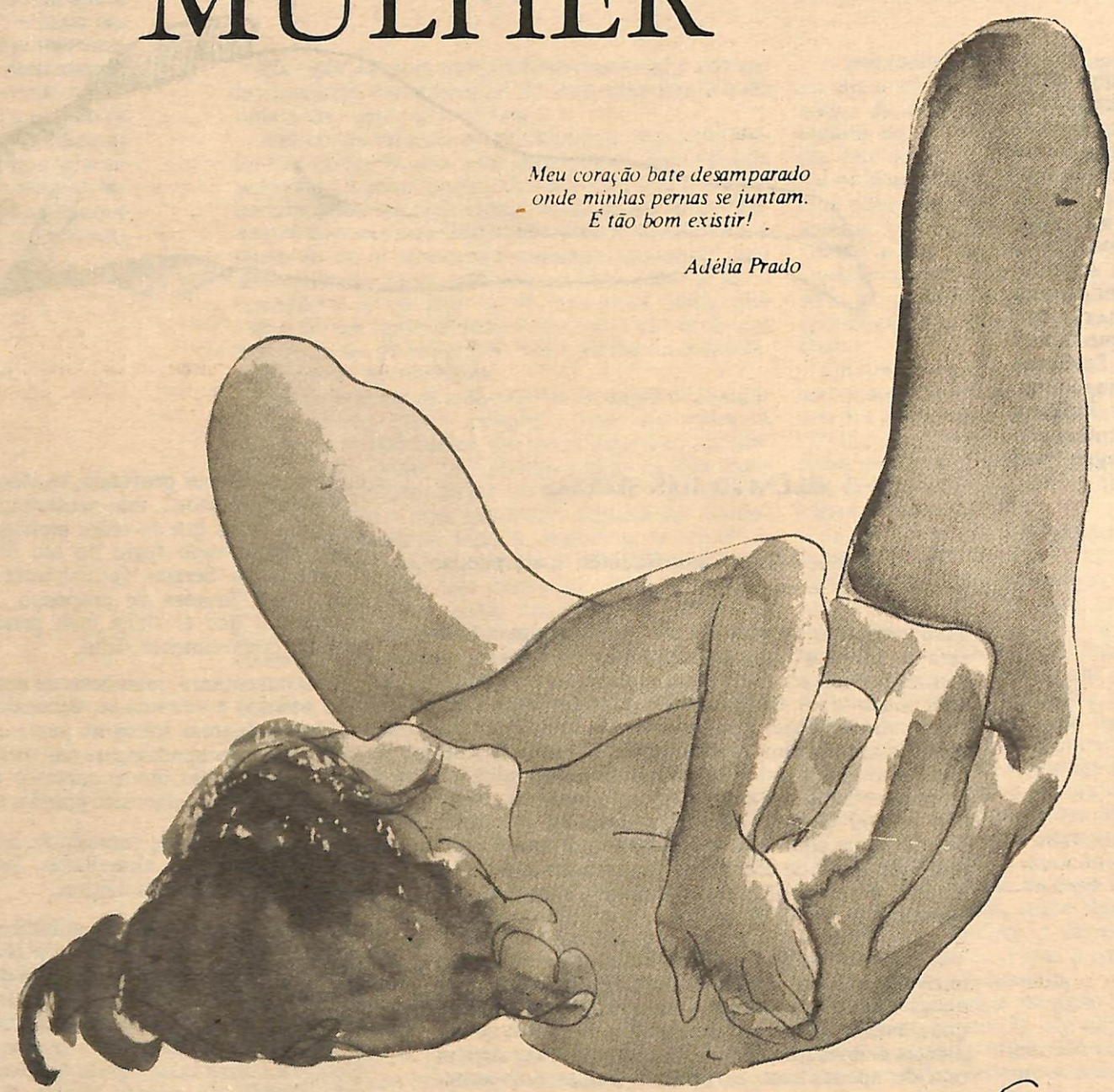
Belo Horizonte  
Junho/Julho - 88  
Ano 1 N° 6

# ESCUTA

## MULHER

*Meu coração bate desamparado  
onde minhas pernas se juntam.  
É tão bom existir!*

*Adélia Prado*



*Carlin Krai*

Através do tema "Mulher", o CRP-04 homenageia as profissionais psicólogas, nos 26 anos de Psicologia



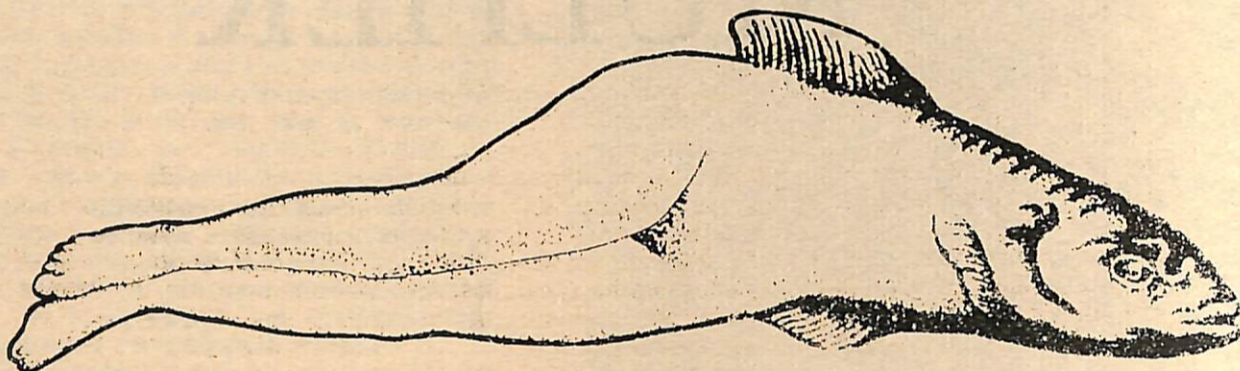
# ESCUTA

## Duas vezes Kafka

Franz Kafka

Kafka: "Parábolas e fragmentos" — Tecnoprint  
Trad. de Geir Campos

É evidente que esses textos de Kafka se referem ao confuso jogo da sedução. Mas seria muita ingenuidade nossa supor que eles se restringem a isso. Talvez pudéssemos falar a mesma coisa sobre a mulher, dizendo que, como mulher, ela absorveria a questão da feminilidade. Seríamos duplamente ingênuos. Uma vez por Kafka e outra pela mulher. O continente negro está em todos nós.



Desenho de R. Magritte

### O SILÊNCIO DAS SEREIAS

Prova de que recursos insuficientes, e até pueris, podem servir à salvação:

Para resguardar-se das Sereias, Ulisses tapou com cera os ouvidos e fez-se acorrentar ao mastro. O mesmo poderia ter feito, desde sempre, todo e qualquer viajante — salvo aqueles a quem as Sereias seduzissem de longe: mas todo mundo sabia que uma coisa dessas fora impossível evitar. O canto das Sereias atravessava tudo, e a paixão dos seduzidos era de romper mais do que correntes e mastros. Nisso não pensou Ulisses, embora certamente já tivesse ouvido falar; confiava inteiramente no punhado de cera e nas volas de corrente, e ingenuamente satisfeito com o seu artifício lá se foi ao encontro das Sereias.

Só que as Sereias tinham um dom ainda mais terrível que o seu canto: o seu silêncio. Ainda que nunca tivesse acontecido, pode-se talvez imaginar que alguém conseguisse escapar-lhes ao canto; ao seu silêncio é óbvio que não. A sensação de tê-las alguém vencido apenas com as próprias forças e à conseqüente petulância, capaz de tudo levar de roldão, nada resistiria sobre a terra...

De fato, ao chegar Ulisses, não cantaram as fabulosas cantoras; fosse por reconhecerem que só com o silêncio poderiam derrotar semelhante adversário, fosse pelo olhr de bem-aventurança que iluminava a face de Ulisses (não pensava em nada além da cera e da corrente), deixaram de lado o canto. Mas Ulisses não lhes ouvia o silêncio, se assim se pode dizer: imaginava que cantassem e que apenas ele estivesse imune a ouvi-las. Via-lhes de relance os movimentos

do colo, o respirar profundo, os olhos marejados, os lábios entreabertos... mas pensava que aquilo fizesse parte das áreas que ao redor morriam-lhe inauditas. Logo porém tudo fugiu do seu olhar perdido na distância, as Sereias formalmente desapareceram ante a sua firmeza de propósito, e no momento mesmo em que as tinha mais perto de si ele não tomava conhecimento delas.

Elas, no entanto, mais belas do que nunca, inclinavam pescoço e viravam-se, deixando seus estranhos cabelos flutuarem soltos no vento e exercitando as garras despreocupadamente nas rochas. Já não queriam seduzir, mas tão-só captar o mais demoradamente possível o fulgor dos grandes olhos de Ulisses.

Fossem dotadas de consciência, as Sereias, e nessa ocasião teriam sido aniquiladas. Subsistiram, todavia, mas escapou-lhes Ulisses.

A propósito, aliás, um apêndice foi anexado à lenda: Conta-se que Ulisses era tão astucioso, tão manhosa raposa, que nem a deusa do Destino lograva penetrar-lhe o íntimo, e talvez (embora tal coisa não esteja ao alcance do entendimento humano) ele tivesse realmente percebido que as Sereias faziam silêncio e conservasse aquela aparência apenas como uma espécie de escudo contra elas e contra os Deuses.

### AS SEREIAS

São as sedutoras vozes da noite: também assim cantavam as Sereias... Não fora de justiça, para com elas, atribuir-lhes o deliberado propósito de seduzir: elas bem sabiam que possuíam garras e nenhum seio fértil, e disso lamentavam-se em altas vozes — mas não tinham culpa de soarem tão belos os lamentos.



## Psicanálise e diferenças sexuais; algumas propostas

Marie Claire Boons  
Tradução de Eduardo Prado

Como Castanheda, Marie Claire Boons procura neste texto encontrar seu "sítio" — lugar onde cada um se sente melhor em determinado contexto — e daí lançar o seu apelo: a criação de um novo significante para a mulher, que se situe além da batalha entre homens e mulheres e do tradicional referencial fálico.

Eis aqui algumas reflexões esquemáticas e abstratas; contudo elas emergem de uma experiência e de uma vida, entre as pessoas...

Através do esforço de desempenhar uma identidade das mulheres que não seja apenas determinada pelo olhar e pelos desejos dos homens, através desta batalha para nos afastarmos deste espaço onde estávamos somente reparadas, isoladas e amordaçadas, a partir de um só sexo aparentemente dominante, nós conseguimos, ainda que poucas vezes, não ceder à tentação mais simples: a de uma pura reviravolta especular da subjetividade masculina e dos atributos dos quais ela se vangloria: velha ilusão de controle, autonomia, apropriação...

Existia e existe aí uma espécie de dupla necessidade: a de não querer ocupar o lugar do outro, e também a de não definir um outro lugar para mulheres — pois então recairíamos muito rápido num sistema prescritivo, numa cartografia programada e programadora — mas sobretudo naquela que consistiria na produção de desvios aleatórios, de singularidades surpreendentes, de figuras divertidas apagando os lamentos em proveito de afirmações arriscadas: todas as lutas, ou antes, eu diria hoje, todas as jogadas que não cessariam, segundo os movimentos e as rupturas incalculáveis, de modificar os lugares em questão!

Isto é melhor do que querer um lugar definido, circunscrito e assegurado.

Pode-se ir um pouco mais longe e colocar a seguinte questão: no irreduzível real de uma dissimetria, será preciso sempre pensar e viver nossa relação com o outro segundo a codificação das marcas sexuais, na mais elementar oposição dos dois sexos que não toleraria outras trocas além destas, reduzidas às alternativas sempre duais: hetero, homo e bissexualidade como resumo e neutralização dos primeiros termos. Não existiria algo para alguém destas categorias definidas de trocas, para além indefinidamente rico e diverso, cheio de surpresas, de audácias e de efusões, segundo a vida e a morte, segundo a infância de cada um?

Pode-se sempre sonhar, aqui com Nietzsche, acolá com Derrida que por sua parte lança a palavra coreografia... Sim, pode-se sempre sonhar, é assim que uma revista intitulou um artigo terminando com uma belíssima frase de Rilke que colocava o amor entre os homens e as mulheres como uma troca entre duas "humanidades" onde ressoava a palavra solidão: "... entre duas solidões se protegendo, se completando, se limitando e se inclinando uma diante da outra."

A utopia se define em função do que ainda não tem um lugar: salvo no imaginário. Será preciso, neste sentido, baní-la precisamente por isso e, ao final das contas, recair na conservação do velho mundo?

A psicanálise não sonha encontrar a cada esquina do que a constitui — a cura analítica — o sonho. O sonho do qual ela diz justamente que ele carrega sempre em sua trama algum desejo vindo da infância: este sonho onde a pulsão pode se fazer lobo, o pai estilhar-se em pedaços de corpo, eu mesma com meu olhar me transformar numa janela, uma mãe colocar roupas de homens, etc, etc.

Face a que, assumir a identificação com o sexo recebido nunca é mais que fingir ser um homem ou ser uma mulher, segundo as condutas e os papéis prescritos pelos imperativos em curso de uma sociedade...

Ou aceder a este fingimento à simbolização de seu sexo e ao funcionamento do sentido, a psicanálise — que faz e não pode fazer teoria a não ser do que recolhe no processo analítico — nos diz que isto passa pela operação de um significante que ela batiza falo como correlato de um outro significante que ela batiza Nome-do-pai.

Se é verdade que a linguagem, a ordem simbólica específica o ser humano, deste ponto de reunião, deste simples emblema (que os homens têm imaginário a partir do pênis paterno e imposto ao imaginário das mulheres), a teoria analítica faz o eixo simbólico da falta, de uma falta inerente ao fato de que nós falamos: falta de um gozo suposto primordial... "proibido a quem fala como tal" (Lacan). A simbolização de uma falta, ligada à função fálica, seria essencial ao funcionamento da estrutura psíquica: seu puro defeito prescreve a psicose.

Neste Outro que é o conjunto de significantes, constitutivo do inconsciente de cada um e de cada uma, sem a presença portanto de um significante dito "Nome-do-pai", nada de lei, nada de proibição, nada de simbolização da falta no falo. Nada "deixará a desejar": o falo, como significante da falta, não é aquele que causará o desejo (seria preciso aqui colocar o objeto a...) mas a condição de possibilidade de seu funcionamento.

Se o falo introduz um gozo limitado, à uma (muito) pequena morte (1), ele também cria obstáculos, preside o fracasso implicado em toda relação sexual. Onde: o exílio dos corpos como tais. Ter ereção, diz Lacan em algum lugar, nada tem a ver com o outro sexo. Ereção para uma mulher, por exemplo, pode ser talvez tomá-la por um falo... Estou resumindo demais.

A partir de um modo de inscrição simbólica com relação à função fálica, Lacan divide a humanidade falante em duas metades, uma dita masculina, a outra dita feminina: existiria um gozo feminino e um gozo masculino que não são logo ligados à anatomia, mas ao modo com que cada um e cada uma se inscreve em relação ao significante fálico. Lado "feminino" pode ter aqueles que chamamos de homens e vice-versa.

# ESCUITA



Marcelo Kraiser

Eu dispensarei vocês aqui do quadro da sexualção, complicado para compreender, se é que pode ser compreendido, e não o mencionarei a não ser que num debate alguém pedisse; e me limitarei a isso: neste negócio, o gozo dito feminino não está tão mal, na medida em que a mulher se beneficiaria com um suplemento de gozo, dado que ela não está toda no gozo fálico. É verdade que o feminino (não nos esqueçamos que existem homens) se inscreve nesta limitação do gozo pela aparência fálica, mas também é verdade que dela escapa. Nenhuma se subtrai à lei fálica mas cada uma só se submete parcialmente. Lado feminino, o “a mais” do gozo fálico, se articularia essencialmente ao defeito de um Outro que seria Tudo: o Outro como Tudo. Mas ele não existe como tudo. Deus. O outro barrado.

Tudo isso para dizer que entre os homens e as mulheres, isto fracassa, isto só pode fracassar, em que se trata de medir este fracasso, incontornável na medida em que estamos submetidos à linguagem, e portanto à uma lógica simbólica da aparência, solitária e tortuosa via de acesso a um real que o significante não pode dizer.

A partir desta esquemática chamada, vocês poderão visualizar, acho eu, as questões que se tratará de colocar à psicanálise, psicanálise a mais interessante aos meus olhos, mas também mais contemporânea e contemporânea quer dizer contemporânea do patriarcado em curso.

Estas questões poderiam se formular assim: é preciso pensar que os termos batizados “nome-do-pai”, “falo”, são o puro efeito do sistema patriarcal como sistema simbólico dominante, marcando o inconsciente de cada sujeito? É preciso trabalhar estes con-

ceitos e, livrando-os de toda referência conotada, reduzi-los a puros operadores lógicos, necessários ao funcionamento da estrutura psíquica em geral? Em outros termos, é preciso preservar uma estrutura guiada por seus conteúdos históricos e pensá-la como universal porque ela está fundada no ser da linguagem da humanidade? Não podemos pensar uma simbolização que partiria de dois e não de um (fálico)? Mas esta conquista do “dois”, este “é preciso ser dois para se amar” (Irigaray), este “é preciso ser antes de mais nada dividido para ser unido”, isso é possível? Isto não exige, especialmente de nossa parte, nós mulheres, a invenção de significantes novos? Lacan diz: “A invenção de um significante novo é qualquer coisa de diferente da memória”. Serão estes sem dúvida os significantes que surgirão de uma longa batalha, apenas começada, batalha que apontará contra a lei de uma estrutura que o significante fálico comanda, até nova ordem?

Aposta que está longe de ser ganha.

Peter isto: sim, existem dois sexos irreduzivelmente dissimétricos. Mas esta dissimetria não poderia ela engendrar, sem que um sexo prevaleça sobre o outro ou se deduza do outro, inumeráveis diferenças flexíveis, uma espécie de “dança” de lugares, de papéis, de condutas?

Hoje, publicamente, coletivamente, o fato de se colocar “com os homens” a questão da diferença sexual tem valor de sintoma e, como vocês sabem, lho de gestação.

(1) Petite morte designa em francês relaxamento agradável posterior ao gozo.

## Mulher Hoje: da subversão de um destino

Rachel Sztajnberg

Freud se pergunta o que quer a mulher. Rachel se pergunta o que será da mulher, desvinculada da maternidade como condição identificatória.

**"Quando for rompida a infinita escravidão da mulher, quando ela viver por si mesma e através de si mesma, depois que o homem — até então desprezível — a tiver deixado em paz, ela também será poeta! A mulher encontrará uma parte desconhecida! Os seus mundos de idéias serão diferentes dos nossos? Ela encontrará coisas estranhas, insondáveis, repelentes, deliciosas; nós as tomaremos, as compreenderemos".**

(Rimbaud)

Quando começou? Não sabemos precisar com exatidão, mas indiscutivelmente o controle da natalidade representou fator determinante. Fundava na sua concretude a possibilidade de intervenção efetiva (ativa) no seu próprio destino. A visão da Mulher, sempre obliterada pelo lugar de destaque ocupado pela sua identificação enquanto Mãe, demanda necessariamente a partir da introdução desse elemento uma reavaliação do seu lugar em todas as dimensões biológicas (migração útero-vaginal), sócio-política (do passivo oprimido para o ativo-participante), psicológica (reconsideração do feminino).

Tomando a Nossa Senhora como modelo desse antigo registro de Mulher, facilmente observamos a concepção (função feminina-maternidade) condicionada ao desconhecimento do prazer — negação do ato sexual — a interdição, portanto, da assunção de um cargo erótico. Durante muito tempo a transgressão desse modelo determinaria a marginalidade, sendo a prostituição sua evidência mais concreta.

O que teria sido sempre fascinante e enigmático nesse corpo feminino reportar-se-ia então ao corpo da mãe. Esse corpo que, se por um lado é reconhecido como o lugar do prazer, por outro evoca o vazio do objeto. A ambigüidade localizada nesse corpo forçou a mulher à necessidade de esconder esse vazio, enfeitando-se, seduzindo, por lhe caber esse difícil papel de privilegiado objeto de desejo e encobridora do retorno repudiado de uma angustiante vivência. Ela que representa em dado momento a completude (gravidez) para logo depois, perdê-la (parto). Esse feminino é marcado pela tríplice significação do signo materno carregado de ambivalência (desejo e repúdio): geradora de vida, objeto de desejo (mãe Terra). Rachel Goldstein identifica a mulher como o representante do mais sinistro da experiência humana pelo que ela evoca e anula da primeira experiência do gozo, impotência e desamparo. Esse é o duplo sentimento que a mulher sugere para o Homem mas também para outra Mulher. A conhecida e acirrada rivalidade feminina apóia-se, segundo Piera Aulagnier, na inveja que ela tem da feminilidade da outra.

Dentro desta perspectiva poder-se-ia conceber o fantasma da ameaça de castração em função da perda desse "gancho" com a mãe — a irremediável impossibilidade de recuperação do estado onipotente — entrar novamente no corpo da mãe.

Mulher-Mãe, uma conexão inevitável, identificatória de um estigma-privilegio, até mesmo dentro da psicanálise, onde o atributo feminino de maior relevância durante muito tempo, o Seio, estava referido a essa condi-

ção. Ou, na melhor das hipóteses, uma sexualidade tendo por protótipo o modelo masculino simetricamente transplantado. Só muito recentemente é que uma transição de uma velha e conhecida identidade para outra se impõe. Quando o ser mãe já não é condição necessária e suficiente do ser mulher, a questão que tanto intrigou a Freud se recoloca: que desejo move a Mulher?

A "nova" Mulher, essa com domínio sobre o seu corpo, renuncia à satisfação resignada com "o de dentro, o côncavo". Vai à luta, ousa o Afora até então interdito — a vagina, reconhecida passagem para o útero, redimensiona-se como porta de saída para o mundo. Com isso a Mulher de hoje promove uma revolução que desequilibra todo um sistema dentro e fora de si mesma.

A ocupação de um campo "masculino" pelas Mulheres ameaça os Homens pela possibilidade de se sentirem prescindíveis, desprovidos do que até então foi considerado "função" masculina: a vivência é de castração! A ruptura com os reconhecidos papéis convencionais determinam a necessidade de uma articulação Homem-Mulher inédita, sem referência no passado que não contém a "jurisprudência" para esse novo ponto de encontro que se faz necessário. A mãe da Mulher e a mãe do Homem tornam-se inoperantes como modelo quando o que sempre se viu como "natural" se desvia do seu percurso. Dentro desse contexto, como nos demonstrou Suzana Pravaz, a maternidade para a Mulher hoje parece ganhar contornos perigosamente ambivalentes. Se ter filhos prova que não é um homem e a faz com alívio recuperar sua integridade pela constatação que a luta pela vida não esterilizou sua feminilidade, por outro lado representa a ameaça de um retorno à condição oprimida, ao temido submetimento, o risco da inércia. Materializar-se a expõe como centro de críticas mais uma vez: da parte das outras mulheres por não corresponder ao modelo primitivo de mãe como se supõe que deveria ser (como a própria mãe); da parte dos homens pela ambigüidade em que se desenvolve na tentativa de conciliar as tradicionais funções femininas e masculinas que se esforça por desempenhar. O rechaço à feminilidade teria então que ser pensado como recusa a uma condição de subjugada, muito mais talvez do que remetê-la à celebrizada inveja do pênis, obstinação pelo não-abandono de uma posição fálica.

Uma outra vicissitude dessa nova condição se refere a como ficaria a questão da diferenciação se a desigualdade entre os sexos não se mantém. Como lidar com a desconfiança mútua, a inveja, o medo que o deslocamento dos papéis convencionais acarreta? A busca tanto da parte do Homem quando da Mulher de um novo lugar de encontro, uma vez prescrito ou tradicional, está exigindo de ambos um ativo dispêndio de energia e toda sua capacidade criativa, um lugar que está em construção, sendo inventado a partir das demandas de um e de outro diante dessa nova realidade. Bom sinal. Estamos tendo que começar de novo. E isso é vida.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1) Aulagnier, Piera — Observações sobre a feminilidade e seus Avatares (1966)
- 2) Goldstein, Rachel Zak de — El continente negro y sus enigmas (B. Aires, 1983 — Argentina)
- 3) Pravaz, Suzana — Três Estilos de Mulher (Ed. Paz e Terra S.A., 1981)
- 4) Sant'Anna, Afonso Romano — O Canibalismo Amoroso (Ed. Brasiliense, 1984)
- 5) Mulher Hoje — Número Especial (Ed. Civilização Brasileira, 1980)

Foto de Lewis Carroll - Alice Liddell - Thames and Hudson

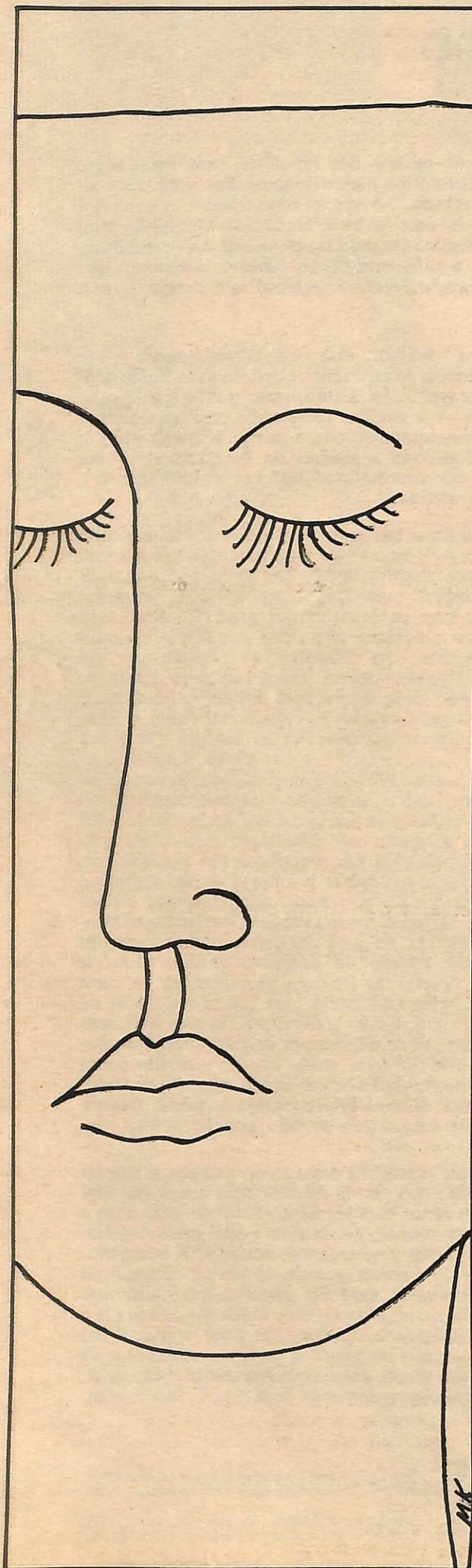




# ESCUTA

## Eu não existo sem você

Gilda Sobral Pinto



Marcelo Kraiser

Se fizermos um breve inventário da Amélia-mulher-de-verdade, veremos que ela não come, não se enfeita, não exige nada. Aparentemente é uma desprendida, que envoca saudades. No entanto, apesar de lembrada como uma mulher que ama muito, Amélia na verdade é uma tremenda narcisista. E é isto que Gilda denuncia de cara, para depois se apresentar como alguém que encontrou um outro caminho para a relação amorosa, a partir da elaboração da amélice.

**Eu não existo sem você.**  
**Amélia, mulher submissa, mulher doadora, mulher que entende, mulher que se entrega, mulher que espera.**  
**Caminha em silêncio, não atrapalha, não interrompe, não pergunta, só responde. Pensa que não sofre — o prazer é servir; não sabe que tem um lugar — não o ocupa; o espaço não é seu; só se chega quando chamada.**  
**Ama e não sabe que pode ser amada. Só serve enquanto serve. Mulher ignorada. Mulher que esqueceu de ser mulher. Mulher que confundiu o gosto gostoso de ser desejada com o prazer cruel de ser escravizada.**

Quando me descobri menina que fiz eu? Procurei o diferente, procurei atrair sua atenção. Senti-me mistério e desejei ser desejada. Escolhida para brincar, para dançar, para confidenciar. E enquanto meu corpo tomava corpo, e minhas formas tomavam forma, sentia-me dominada por um único desejo: seduzir o homem — um suspiro mais profundo, um olhar distraído, uma lágrima encomendada. A saía esvoaçada no rodopio de uma valsa, o decote profundo insinuante, as meias finas realçando as pernas, os saltos altos ritmandos os quadris. Olhe-me, reconheça-me. E você me olhou e senti confiança, admiração, superioridade, proteção. E nasceu a mulher: a mulher que se entrega, a mulher que busca o que lhe falta. Em você encontrei a curiosidade, o novo, o desconhecido — algo cerimonioso que me leva a curvar-me efetivamente diante da sua grandeza. Entendi o servir sem me sentir humilhada; o servir que me engrandece por despertar o orgulho de me sentir escolhida. Escolhida para acolher, para abrigar a sua solidão, para guardar o seu ser na cavidade do meu corpo — para ser feminina sentindo prazer ao ser prazer. Um convite, um chamado, uma resposta.

Descobri-me desejando o seu desejo numa submissão doce ao homem eleito pelo amor — uma submissão que não mata a individualidade e não impede de ser livre; que não sufoca, não castra por ser fruto de uma escolha interna, natural, convidando ao crescimento, à investigação, ao encontro da própria identidade. E se você não me vê e não me cuida, confunde o possível com tirania e assim escraviza, você me destrói e você aniquila. Destruindo o objeto do seu desejo seu destino é o vazio, o não ser. Falta-lhe o mistério, o acolhimento.

Pois: “não há você sem mim  
e eu não existo sem você”

(Antonio Maria)



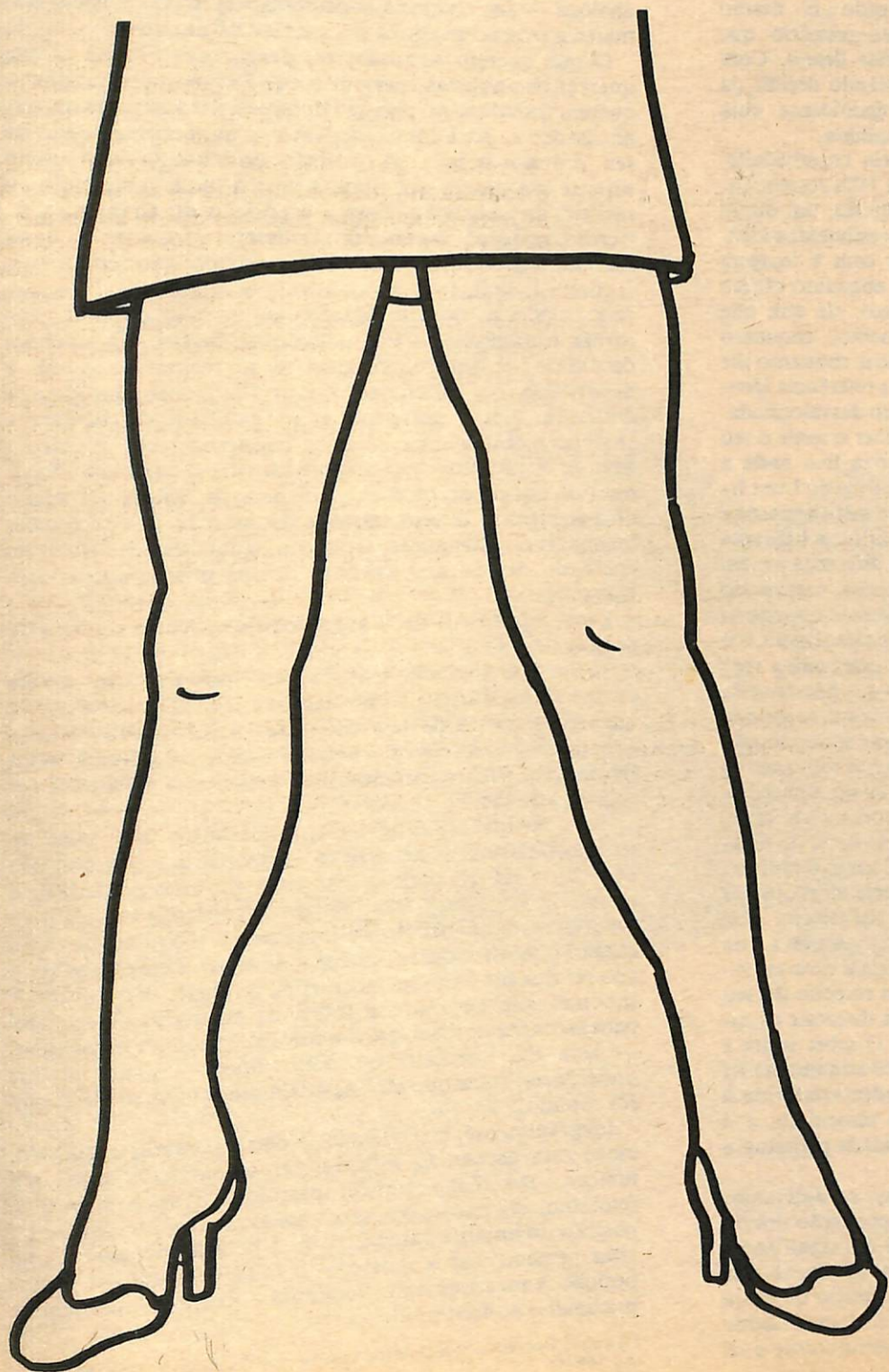
# ESCUTA

## Porque eu quiz ser homem e fracassei, é claro

Emê Ribeiro

Diz a psicanálise que a mulher se torna mulher quando renuncia ao pênis e, por extensão, à agressividade inerente ao masculino. Mas será que se trata mesmo de uma renúncia? E por outro lado: será que a

mulher alguma vez busca este pênis ou esta agressividade masculina? Vai ver que o que ela busca mesmo é apenas animação. Pelo menos é o que sugere Emê, neste seu texto escrito de lembranças.



O mundo deles parecia mais animado. À noite, planejavam a caçada da madrugada. Tinham que dormir cedo para estarem prontos ao raiar do dia. Eram acordados com os cachorros caçadores que latiam embaixo de suas janelas. A caçada podia durar o dia inteiro. O importante é que eram sempre novidades acontecendo: os diferentes pios dos pássaros, o vermelhão da aurora, o cachorro morto por engano, a paca atingida que escapou...

Tinha pescaria também. Desde cedo transavam varas, linhas, chumbinhos, anzóis, iscas. Uma longa preparação, um sagrado ritual que se cumpria até o grande momento de chegar com a "enfiada" cheia de peixes.

Nas corridas a cavalo eles não tinham medo do galope fechado e do alto do trampolim se lançavam em saltos mortais.

Na floresta se dependuravam nos cipós como tarzã, subiam nos cavalos como cowboys.

À noite, contavam piadas sacanas, disputavam no bilhar, tomavam cachaça, tocavam violão improvisando desafios.

Se a brincadeira era de guerra, era deles que partia a estratégia, eram eles que estabeleciam as regras do jogo.

Parecia muito animada a vida deles...

As meninas trepavam em árvores, ouviam histórias de Condessa de Seguir, brincavam de casinha, faziam comidinha, brincavam de "doente", festejavam as bonecas nos seus aniversários.

Passeavam de cavalo também. Mas havia de ter o pião ao lado. Tudo por perto, tudo por ali.

Para escapar do controle, só fugindo para debaixo de um bambuzal onde elas trocavam seus adoráveis tormentos.

Uma pacata — gostosa — monotonia.

De repente a boa nova, com gosto de aventura:

"Quem passar por debaixo do arco-íris vira homem".

Esperei o fim da chuva. Esperei o arco-íris, esperei a solução. Talvez fosse difícil... Para pisar na sombra da minha cabeça, tive de esperar o sol do meio-dia. E se eu esperasse o arco-íris no campo de futebol onde eu teria tanto espaço para correr... Era só ser rápida!

Mas, se com a sombra adiantou esperar, com o céu o mistério era outro. O que a espera revelou foi o suave desaparecimento do fenômeno. O arco-íris era efêmero e intransponível...

Perdi a batalha, mas não a guerra. De bota e esporas, chicote na mão, cigarro na boca, cinto e suspensório lá fui eu no meio deles.

Na caça, tive pena do bicho.

Na pescaria nojo da minhoca.

Na guerra, chorei de medo da bomba.

Receei ser possuída pelo cachorro, e morri de vergonha quando ele se excitou na minha perna.

A coisa veio em forma de morte, de sangue, de corte.

Pedi arrego, pedi altos, dei o pé, saí da brincadeira.

Vesti saia, me enfeitei, voltei para casa, me fechei no quarto escuro.

Leves toques revelaram um grande êxtase: era de dentro que brotava da vida!

Num instante eles já batiam à minha porta, pedindo pão, pedindo teto, pedindo a mão.

Pedro me ensinou a ler

Mário me trouxe espelho

Kim fez de mim poesia

Com João eu dei a luz.

Foi na troca que virei mulher.



## A psicanálise no feminino

Maria Clara Pellegrino

Maria sintetiza, de uma maneira Clara, aspectos polêmicos, inovadores, da teoria lacaniana sobre a questão do feminino. Membro do Instituto Freudiano de Psicanálise, Maria Clara viveu muitos anos na França, onde estudou, tendo apresentado na Sorbonne sua tese de doutorado: "O silêncio na relação analítica".

Falar da mulher será, necessariamente, falar da sexualidade feminina? E será a posição feminina sinônimo rigoroso do ser mulher? Esboçadas as respostas a estas perguntas, nos demos conta de que é possível a conjugação do processo analítico no feminino, ou seja, há no processo analítico um lugar que é eminentemente feminino, sem ser necessariamente da mulher. É sobre esse lugar que nos propomos a falar. Para tanto, se impôs um primeiro vó sobre a sexualidade da mulher. Numa primeira abordagem fiéis ao espírito especulativo, tentamos falar da sexualidade feminina passando da "especularização" à "especulação", ou seja, abandonando a formulação do desejo feminino enquanto mimetizando o desejo masculino, para buscar um significante primário que valorizasse a falta como estruturante desse desejo. Com esse primeiro movimento, estávamos tentando decidir da possibilidade de se discriminar um significante cuja singularidade fosse inerente à condição feminina.

A sexualidade feminina é marcada pela negatividade: começa pela falta para terminar nela. Da falta ressentida, para a falta assumida. Existe, nessa conquista, um duplo movimento, que envolve a dialética dos investimentos identificatório e objetual. Para se identificar com a imagem materna, a menina precisa perder a mãe, enquanto objeto de amor e, para perdê-la enquanto objeto, ela tem que abandoná-la, ainda que por um momento, enquanto referência identificatória. Para se identificar enquanto ser sexuado, a menina tem que recuperar uma referência identificatória que foi abandonada, por ter sido desvalorizada. Sob o estigma da decepção original, a mulher assume o seu **assujeitamento** como sendo aquela que não tem **nada a mostrar**. Essa é uma das idéias mestras do livro de Luce Irigaray, *Speculum*. Segundo a autora, esse **nada a mostrar** ou **nada a ver** equivale, em termos imaginários, a **um nada ter**. E ela acusa essa forma de pensar a diferença sexual como baseada num "oculocentrismo" secular, remetendo a um funcionamento imaginário abusivamente dominado pelo olhar. Será que o fato de a mulher jamais possuir um pênis significa que ela jamais simbolizará esse **nada a ver**? Segundo a autora, a psicanálise considera que não haveria para a mulher uma representação possível de sua economia sexual. Ela estaria condenada a permanecer a derrelicção de sua falta, de seu defeito, o que a levaria a se submeter de forma unívoca ao desejo, ao discurso e à lei do homem — inicialmente o pai. E a inveja do pênis poderia ser interpretada como um índice sitomático da gravidez do desejo do mesmo, cujo significante é o falo. Quanto à mulher, a autora se pergunta porque ela se submete às projeções contrafóbicas do homem, a respeito do seu desejo. Que defeito, carência, recusa, recalque, censura de representações de sua sexualidade a abrigam a uma tal sujeição ao desejo-discurso-lei do homem, a respeito do seu sexo? Com essa pergunta, Irigaray tenta discernir as articulações existentes entre saber e poder. O saber sobre a diferença sexual é regido pela lei fálica, e é esta mesma lei que rege as instituições humanas. Este poder, conferido à posição do legislador, é exclusivamente masculino, e é nessa medida que o saber sobre a sexualidade perpetua a sombra desse poder.

Pensando sobre as posições de Irigaray, consideramos que o que lhe falta é, exatamente, uma apreciação devida da importância da falta. Porque o falo é um significante virtual que aponta para a falta. Ele está em todo lugar, por não estar em nenhum. Para que haja lei, é preciso que haja o vazio, lugar feminino por excelência. E é aí, exatamente aí, no convívio indissociável entre vazio estruturante e lei

estruturada, que encontramos o lugar possível do feminino no processo analítico.

Tomando o processo analítico em sua dramática própria — a tensão estruturante entre vazio e palavra, entre silêncio e interpretação —, poderíamos considerar que a palavra é masculina, posto que é na esteira do significante fálico e de seu bojo que nasce a palavra possível e a possibilidade da palavra, — enquanto o silêncio, é feminino. Continuando essa linha de pensamento, e tomando como objetivo de reflexão a posição do analista, diríamos que ela é essencialmente feminina, na medida que não é a palavra (o saber que o analisando atribui ao analista — seu "sujeito-suposto-saber) mas o silêncio que marca a relação analítica em sua função mutativa.

O que querem as mulheres, perguntava Freud? O que querem os analistas, pergunto eu? Penso que os analistas querem trabalhar no registro do desejo inconsciente de seus analisados e, para tanto, devem se perguntar a respeito de seu próprio desejo. A posição do analista tem como suporte um desejo que aponta para a falta, remetendo ao registro da castração. Essa é a posição do analista, a da "cadaverização" lacaniana. **O desejo é vacante e, nesse sentido, o nada a ter**, característico da posição feminina e, segundo Irigaray, fruto de um "oculocentrismo" exagerado, poderia, contrariamente ao que ela defende, encarnar o analista na sua posição de **desêtre**. O analista, destituído de seu narcisismo, e se recusando a ser o depositário do itinerante objeto "a", trabalha para a desilusão. Nessa perspectiva, a finalidade da **démarche** analítica é desalienar o sujeito, despojando-o de uma imagem de si mesmo construída a partir de um lugar outro que não aquele do qual ele pode emergir, enquanto sujeito do seu próprio desejo, através da redução das produções imaginárias alienantes, teia na qual ele se encontra enredado devido aos avatares de sua problemática identificatória.

Uma passagem de Lacan exprime, com rigor, essa posição:

"Para que a relação transferencial possa escapar a esses efeitos (imaginários), é preciso que o analista despoje da imagem narcísica de seu **moi** todas as formas do desejo a partir das quais ela se constitui, para reduzi-la à única figura que, sob suas máscaras a sustenta: a do mestre absoluto, a morte.

Essa condição imaginária, entretanto, só pode ser realizada numa ascese que se afirma no ser por uma via onde todo saber objetivo será cada vez mais colocado em estado de suspensão. Porque para o sujeito, a realidade de sua morte não é um objeto imaginável, e o analista, tanto quanto qualquer outro, nada pode saber a esse respeito, a não ser que ele é um ser prometido à morte. A partir daí, e supondo que ele reduziu todos os prestígios de seu **moi** para ascender ao "ser-para-a-morte", nenhum outro saber — seja ele imediato ou construído — pode ter sua preferência, para que ele faça dele um poder, se ele já não foi abolido."<sup>1</sup>

Inegavelmente, é o silêncio, e não a palavra, o que promove essa ascese. O silêncio, tanto quanto a morte e a mulher, não têm inscrição psíquica. E se o silêncio é feminino, em contraposição à palavra — masculina —, a posição do analista também o é. A posição do analista, ao visar presentificar a morte — a falta absoluta —, é uma posição eminentemente feminina. Assim se conjugam a psicanálise no feminino.

(1) Lacan, Jacques — "Variantes de La Cure type" in *Écrits* ed. Seuil, Paris, 1966 pg. 348-349